

A MORTE DAS LÍNGUAS

João Bittencourt de Oliveira (UERJ)

INTRODUÇÃO

A morte ou o desaparecimento de línguas sempre ocorreu ao longo da história da humanidade. Do mesmo modo que muitas culturas atingiram sua mais alta forma de expressão e, posteriormente, por várias razões, entraram num processo de decadência, as línguas que lhes serviram de suporte acompanharam essa trajetória e também sucumbiram.

Algumas línguas do período clássico nos legaram alguns registros, como inscrições em pedra, tábuas de barro, documentos manuscritos, etc. É o caso, por exemplo, do *frígio* (língua indo-européia antiga, conhecida por uma série de inscrições em caracteres gregos); do *etrusco* (língua falada pelos etruscos, povo que surgiu no final do século VIII a.C., na Toscana, e cuja origem é discutida); do *sumério* (língua falada na Suméria antes da invasão dos semitas, desaparecida no II milênio a.C.); do *hitita* (língua falada pelos hititas, na Anatólia central, cuja queda data dos séculos XIII-XII a.C.).

Gira em torno de 75 o número de línguas que se falavam na Europa e na Ásia Menor e que deixaram algum registro. Porém, esse número constitui apenas uma fração de um universo de línguas de que não se tem nenhum registro.

Nesse trabalho, pretendemos, de maneira sucinta, com base nas pesquisas do linguísta David Crystal, da University College of North Wales, formular para reflexão e debate as seguintes perguntas:

- 1) Quantas línguas existem atualmente no mundo?
- 2) A que proporção estão as línguas desaparecendo?
- 3) Quantas línguas ainda são faladas por um número inferior a 1.000 pessoas?
- 4) Quais são as causas da morte ou extinção de uma língua?
- 5) O que pode ser feito para revitalização das línguas ameaçadas?

COMO SE DÁ A MORTE DE UMA LÍNGUA?

Afirmar que uma língua está morta é o mesmo que dizer que uma pessoa está morta, pois uma língua só morre quando não há mais ninguém que a fale.

Estatísticas

- 1) Estimativas recentes dão conta da existência de no mínimo 3.000 e no máximo 10.000 línguas em todo o globo terrestre. Se, porém, nos limitarmos a definições mais rigorosas de 'língua', em oposição a 'dialeto', 'falares', 'regionalismos', etc., essa cifra cairá para 6.000.
- 2) No decorrer do século XXI, calcula-se que duas línguas morrerão a cada mês, em alguma parte do mundo.
- 3) Um quarto das línguas existentes no mundo atual é falado por menos de 1.000 pessoas.
- 4) Embora as estatísticas sejam bastante controversas, calcula-se que ainda existam em torno de 200 línguas indígenas somente na América do Norte. Um outro tanto deve existir na América do Sul.¹

Até quando?

As dimensões do problema

Quantos falantes são necessários para garantir a vida de uma língua?

A edição de fevereiro de 1999 de *Ethnologue*, do Summer Institute of Linguistics (SIL), com sede em Dallas, Estados Unidos, reconhece a existência de 6.059 línguas devidamente catalogadas. Eis alguns dados:

¹ Para a descrição das populações indígenas brasileiras, sua localização geográfica e sua classificação cultural e linguística, ver RIBEIRO (1977).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- 1) As 8 línguas com mais de 100 milhões de falantes (o *mandarim*, o *espanhol*, o *inglês*, o *bengali*, o *hindi*, o *português*, o *russo*, o *japonês*) totalizam aproximadamente 2.4 bilhões de falantes;
- 2) As 20 línguas mais faladas englobam mais da metade da população mundial;
- 3) 96% das línguas do mundo são faladas por apenas 4% da população;
- 4) Havia, até a data da publicação desses dados, 51 línguas com um só falante, assim distribuídas: 28 na Austrália, 8 nos Estados Unidos, 3 na América do Sul, 3 na África, 6 na Ásia, 3 nas ilhas do Pacífico.

No de falantes línguas descendente	Nº de	%	Percentual cumulativo	Percentual cumulativo ascendente
Mais de 100 milhões	8	0,13	---	99,9
10 a 99,9 milhões	72	1,2	1,3	99,8
1 a 9,9 milhões	239	3,9	5,2	98,6
100.000 a 999.999	795	13,1	18,3	94,7
10.000 a 99.999	1.605	26,5	44,8	81,6
1.000 a 9.999	1.782	29,4	74,2	55,1
100 a 999	1.075	17,7	91,9	25,7
10 a 99	302	5,0	96,9	8,0
1 a 9	181	3,0	99,9	---

Os níveis de perigo

Na tentativa de identificar os níveis de perigo de extinção a que uma língua pode estar exposta, os lingüistas têm apresentado diversas classificações, todas, a nosso juízo, igualmente válidas. Procurando conciliar essas diferentes visões, sem prejuízo de sua abrangência e para fins de divulgação, como é o nosso caso, podemos destacar cinco níveis:

- (a) **Línguas potencialmente ameaçadas.** — São as línguas social e economicamente em desvantagem, sob forte pressão de uma língua dominante, e que começam a perder os falantes da ca-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mada mais jovem, principalmente as crianças. Sua sobrevivência ainda é possível.

- (b) **Línguas ameaçadas.** — São as línguas cujos bons falantes que restam são todos adultos e que não são mais ensinadas na escola. As poucas crianças que ainda as falam só as utilizam no convívio familiar.
- (c) **Línguas seriamente ameaçadas.** — São as línguas cujos falantes têm acima de 50 anos de idade.
- (d) **Línguas quase extintas (ou moribundas).** — São as línguas que possuem apenas algumas dezenas de falantes, a maioria já bastante idosos.
- (e) **Línguas extintas.** — São línguas que não possuem mais nenhum falante vivo, e conseqüentemente não há possibilidade de sua revitalização.

São exemplos clássicos de línguas que desapareceram com a morte de seu último falante:

O *dalmático*. — Língua românica falada outrora na Dalmácia, região litorânea do Adriático, na Atual Iugoslávia. Tendo ficado como uma ilha lingüística, sem um sentimento nacional que o sustentasse, foi perdendo terreno para o eslavo, até que as novas gerações não mais aprendessem a língua românica. O último dono do idioma, Udina, faleceu em 10 de junho de 1898, com 77 anos, levando com ele os segredos, as visões de mundo e as belezas de uma dos rebentos do velho Lácio.

O *ubuh*. — Língua do Cáucaso Ocidental desaparecida em 8 de outubro de 1992, quando seu último falante, Tevfik Esenç, deu seu derradeiro suspiro.

O *kasabe*. — Língua falada em Mambila, região de Camarões, na África, desaparecida em 5 de novembro de 1995, com a morte de seu último falante conhecido como Bogon. Esse falante deixou uma irmã sobrevivente, que, segundo informações, compreendia o kasabe, porém não o falava, além de vários filhos e netos, que nada sabem da língua.

O *Katawba*. — Língua da família Sioux² que deixou de existir quando seu último falante, Red Thundercloud, faleceu em janeiro de 1996. Ele chegou a gravar exemplos de hinos e canções no idioma para o Smithsonian Museum. Sua morte foi noticiada no *London Time*.

POR QUE NOS PREOCUPARMOS COM AS LÍNGUAS AMEAÇADAS?

David Crystal (2000: 32-67) aponta, com bastante propriedade, cinco argumentos que justificam uma preocupação cada vez mais crescente entre lingüistas, sociólogos, antropólogos e outros estudiosos da linguagem com o destino das línguas ameaçadas:

- 1) Porque precisamos da diversidade;
- 2) Porque as línguas exprimem identidade;
- 3) Porque as línguas são repositórios da história;
- 4) Porque as línguas contribuem para soma do conhecimento humano;
- 5) Porque as línguas são interessantes em si mesmas.

Cada língua, por mais 'primitiva' que seja, possui sua própria riqueza e visões de mundo. (Ver MOUNIN (1963: 191-223).) Há palavras e expressões que designam noções peculiares a uma civilização, sem correspondente nos demais ambientes culturais. Disto seriam exemplos em alemão *Weltanschauung*; em inglês britânico *understatement*; em inglês norte-americano *know-how* e *marketing*; em francês *savoir-faire* e *toilette*; em italiano *máfia*; em português *sau-dade* e *sertão*.

Nas línguas de certas tribos primitivas não há palavras para "peixe". Há ilhas em que os indígenas não possuem uma noção equivalente a "pai". O húngaro tem termos especiais para "irmão mais velho" e "irmão mais moço", como para "irmã mais velha" e "irmã

² Conjunto de índios da América do Norte que constituem uma grande família lingüística e que vive nas grandes planícies que vão do Arkansas (a oeste do Mississippi) às montanhas Rochosas.

mais moça". Muitos povos ignoram a neve. Em compensação os esquimós possuem vários termos para designá-la: "neve caindo", "neve ao sol", "neve endurecida", "neve mole", "neve fina", etc. Os árabes possuem várias palavras para designar diferentes tipos de palmeira, de camelo, de deserto e de mel.

Por fim, uma das tarefas da lingüística moderna é buscar generalizações de como funcionam as línguas. As generalizações são uma palavra-chave para se saber como a mente humana funciona, e as línguas ameaçadas muito podem contribuir para o conhecimento científico desse intrincado mistério.

COMO E POR QUE AS LÍNGUAS MORREM?

Ao longo dos milênios, muitas línguas têm sido sempre ofuscadas ou extintas, porém nos últimos séculos temos presenciado uma aceleração desse processo. Entre 1490 e 1900 cerca da metade das línguas do mundo desapareceu. Há diversos fatores que contribuem para o desaparecimento de uma língua. Merecem destaque os fatores físicos e os culturais.

Fatores físicos

Muitas línguas têm se tornado ameaçadas, moribundas, ou extintas como resultado de fatores que têm tido um efeito dramático no bem-estar físico de seus falantes. Eis alguns exemplos:

- tremores de terra, furacões, inundações, erupções vulcânicas e outros cataclismos;
- combinação de condições climáticas e econômicas desfavoráveis (fome e estiagens).

Mais freqüentemente, tribos inteiras têm sucumbido a doenças e epidemias do ocidente; o alcoolismo é endêmico entre algumas populações indígenas norte-americanas e o vício em cocaína está se difundindo em aldeias da Amazônia. À medida que grupos tribais desaparecem ou são exterminados, suas línguas naturalmente desaparecem com eles.

Em muitas partes do mundo onde os recursos naturais indígenas têm sido objeto de exploração externa, o efeito sobre o povo local tem sido devastador, como já foi documentado por organizações dos direitos humanos. O tratamento das comunidades da floresta tropical amazônica continua sendo alvo da condenação internacional. Apesar de décadas de esforços para assegurar o direito a terras para os povos indígenas e dar-lhes proteção contra a agressão de fazendeiros, mineradores e madeireiros, ainda são frequentes os relatórios denunciando assassinatos e expulsão de comunidades indígenas, muitas vezes com a conivência de autoridades de todas as esferas.

Fatores culturais

A principal causa da extinção de uma língua, entretanto, é menos dramática e talvez mais traiçoeira. Uma cultura tende a ser influenciada por outra mais dominante, e começar a perder seus traços característicos como resultado da adoção (= assimilação) de novos comportamentos e costumes. Nesse processo podemos identificar três estágios:

1º) Forte pressão sobre a população dominada para falar a língua dominante.

Essa pressão pode ser exercida por fatores políticos, sociais ou econômicos. Pode vir sob a forma de incentivos, recomendações ou leis introduzidas por um governo ou organismo nacional; pode vir sob a forma de tendências da moda ou das pressões dos pares do seio da sociedade de que fazem parte; pode ainda não apresentar uma tendência clara, emergindo como o resultado de uma interação entre os fatores sociopolíticos e socioeconômicos, apenas parcialmente reconhecidos e compreendidos.

2º) Bilingüismo emergente.

Nesse estágio verifica-se o aumento progressivo da competência dos falantes na nova língua sem, entretanto, perderem totalmente a competência na língua materna. Em seguida, quase sempre de maneira breve, esse bilingüismo começa a declinar, com a velha língua cedendo espaço à nova.

3º) As novas gerações se tornam progressivamente proficien-

tes na nova língua.

Essa atitude vem freqüentemente acompanhada de um sentimento de vergonha em usar a língua materna, tanto pelos pais quanto pelos filhos. As oportunidades de usar a língua materna vão se reduzindo cada vez mais à medida que a nova língua vai ganhando força, até que dentro de algumas décadas pouco ou nada permaneça para documentação.

Exemplos típicos desses fatores, que vêm se verificando há três gerações, são os hispânicos e outros imigrantes nos Estados Unidos da América. A primeira geração é monolíngüe e aprende pouco da língua dominante. A segunda geração se torna bilíngüe, aprendendo a língua ancestral com os pais e a língua dominante no lar e na comunidade adjacente. A terceira geração aprende somente a língua dominante no lar e na comunidade. Em algumas famílias asiático-americanas as crianças não podem se comunicar com os avós, porque elas só sabem o inglês e seus avós só sabem o *chinês*, o *coreano* ou o *vietnamita*. Igualmente lamentável é o caso de filhos já adultos de terceira geração que culpam os pais por não lhes terem transmitido a língua de seus ancestrais, pois, se eles começarem a re-aprender essas línguas na infância, pelo menos poderão se tornar falantes de uma segunda língua.

No último estágio desse processo, podemos encontrar "semi-falantes", que embora consigam entender bem a língua, não são capazes de falar essa língua fluentemente, misturando elementos da língua dominante.

O QUE PODE SER FEITO PARA A REVITALIZAÇÃO DAS LÍNGUAS AMEAÇADAS?

Das mais de 6.000 línguas do mundo, a metade pode estar correndo o risco de desaparecer dentro de poucas décadas. Em algumas regiões, comunidades lingüísticas inteiras têm sido devastadas pela guerra ou por doenças. Outras línguas estão morrendo porque os pais, por razões econômicas, estão ensinando aos filhos o inglês, o francês ou o espanhol. Qualquer que seja a causa, estas estão entre as línguas ameaçadas, do mesmo modo que se encontram ameaçadas algumas espécies de animais e de plantas. Só que as línguas são invi-

síveis.

Quando uma língua deixa de ser transmitida às crianças, esta passa a ser considerada como moribunda e em vias de extinção, a menos que alguma intervenção possa reverter esse processo.

No País de Gales, após a formação da Sociedade da Língua Galesa (*Cymdeithas yr Iaith Gymraeg*) em 1962, a educação bilíngüe significa que muitas crianças falam o *galês* mais fluentemente que seus pais. Nesse caso houve uma percepção consciente, por parte da comunidade, dos valores dessa língua e seu declínio pôde ser revertido. Já na Bretanha, não houve política semelhante de apoio ao *bretão*, cujo status e qualidade de transmissão às crianças são baixos. O *galês* é atualmente a única língua céltica cujo futuro parece bastante promissor.

Às vezes o ressurgimento de uma língua decorre de um forte desejo de seus falantes pela conquista de um maior status político ou autonomia, como no caso do *basco*, do *catalão* e do *galego* na Espanha.

O exemplo mais bem sucedido de renascimento de uma língua ainda é o *hebraico*, impulsionado pelo retorno do povo judeu a Israel após a Primeira Guerra Mundial. Língua original de grande parte do Velho Testamento, durante séculos o hebraico não era falado na comunicação diária, porém foi preservado vivo pelos eruditos e nos rituais sagrados. A partir do século XIX, o hebraico começou a ser falado novamente na Palestina, graças aos esforços do filólogo judeu Eliézer Ben-Yehuda (Luzhky, Lituânia, 1858 - Palestina, 1922). Em 1910 iniciou a publicação de um *Dicionário completo do hebraico antigo e moderno*, em 17 volumes, completado em 1959 após seu falecimento por sua esposa e pelo filho Ehud, e que enriqueceu com neologismos para tornar o hebraico uma língua viva e atual. Com a criação do Estado de Israel em 1948, o hebraico passou a ser ensinado nas escolas israelitas, e os imigrantes, que antes falavam línguas de base cultural judaica como o *íidiche* e o *reto-ladino*, adotaram o hebraico.

A exemplo do hebraico, esforços recentes têm sido implementados para o ressurgimento de línguas moribundas como o *occitânico* (remanescente dos dialetos da língua de *oc*, e sobretudo do an-

tigo *provençal*, ou língua dos trovadores), o *gascão* (entre a França e a Espanha), e até mesmo de línguas já extintas como o *manx* (na ilha de Man) e o *córnico* (na Cornualha).

Ainda com base em David Crystal (2000) e outros, podemos apontar seis fatores significativos que contribuem para a formulação de uma teoria de preservação das línguas ameaçadas:

- 1) Uma língua ameaçada só progredirá se seus falantes aumentarem seu prestígio dentro da comunidade dominante.
- 2) Uma língua ameaçada só progredirá se seus falantes aumentarem sua riqueza relativa à comunidade dominante.
- 3) Uma língua ameaçada só progredirá se seus falantes aumentarem seu poder legítimo aos olhos da comunidade dominante.
- 4) Uma língua ameaçada só progredirá se seus falantes tiverem uma forte presença no sistema educacional.
- 5) Uma língua ameaçada só progredirá se seus falantes souberem escrever sua própria língua.
- 6) Uma língua ameaçada só progredirá se seus falantes souberem fazer uso da tecnologia eletrônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As línguas necessitam das comunidades para sobreviver. Por isso, somente o empenho de uma comunidade pode salvar uma língua ameaçada.

O salvamento de uma língua demanda compromisso, um senso compartilhado de responsabilidade, um senso claro de orientação e um alto nível de habilidades especiais.

Esforços combinados devem ser implementados para catalogar essas línguas, avaliar sua vitalidade, facilitar seu desenvolvimento e, à medida do possível, impedir seu desaparecimento.

A ameaça de extermínio de línguas minoritárias é real e preocupante. Investigar e combater suas causas é dever de todos, pois to-

da língua, com sua respectiva cultura, é parte integrante de um mosaico da humanidade.

BIBLIOGRAFIA

BODMER, Frederick. *The loom of language*. London: Allen and Unwin, 1944.

CHAMBERS, J. K, and P. Trudgill. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à lingüística e à filologia portuguesa*. (Quarta edição, melhorada e aumentada, de Iniciação à Filologia Portuguesa). Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

COMRIE, Bernard, Stephen Matthews, and Maria Polinsky (consultant editors). *The atlas of languages*. New York: Facts on File, 1996.

CRYSTAL, David. *Cambridge Encyclopedia of language*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

———. *English as a global language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

———. *Language death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

DIXON, R. M. W. *The rise and fall of languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MOUNIN, Georges. *Les roblèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, 1963.

NIDA, Eugene A. *Towards a science of translating*. Leiden: E. J. Briel, 1964.

PEI, Mario. *The story of language*. London: Allen and Unwin, 1952.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização; estudos de antropologia da civilização*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

VICENTE ZAMORA, Alonso. *Dialectologia española* (segunda edición muy aumentada). Madrid: Gredos, 1970.